

O que pode uma cartografia?

What can a cartography do?

¿Qué puede hacer la cartografía?

Tamires da Silva Oliveira¹

O texto que segue foi produzido a partir da proposta de trabalho apresentada pelo “IX Seminário Conexões: Deleuze e Linhas e Cosmos e Educação e...” e do que a experiência de comunicar em coletividades – rizomatizadas no coletivo do encontro – pode atravessar na produção de um texto. A escrita tem história, memória, movimento. Seguem alguns apontamentos.

No percurso da disciplina de Cultura, Educação e Imagem, ministrada pelos professores Antonio Carlos Amorim, Davina Marques e Marcus Novaes, finalizamos o semestre com a proposta de elaborar um texto com linhas experimentais a partir das leituras trabalhadas em aula e de atravessamentos de nossa pesquisa em andamento, caso fosse possível. Na tentativa, portanto, de propor uma forma/fôrma outra de escrita sobre o que acontece na sala de aula, considerando a proposta do conexões e ao lembrar da existência dessas duas páginas iniciais, coloquei-me a dançar novamente com essas palavras.

O texto da disciplina possuía apenas duas páginas, mas que devido a todo o percurso de leitura proposta pelos professores atravessaram intensamente os caminhos da minha dissertação (Oliveira, 2024)², sob orientação da professora Alexandrina Monteiro. Muitos dos movimentos textuais apresentados nessa comunicação encontram-se entrelaçados ao texto final da minha dissertação. O evento, então, oportunizou-me comunicar e escutar de outros colegas os tons que eu precisava para dar continuidade e fechar esse “bloco de pesquisa” que é o mestrado, porque dentro ou fora da universidade, dentro ou fora da sala de aula, penso que os movimentos de pesquisa continuam.

¹ Prefeitura Municipal de Campinas/FE Unicamp

² OLIVEIRA, Tamires da Silva. **Outro tijolo no muro?** crítica, cartografia, confabulação: experiências para além dos muros da escola. 2024. 105f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/23451>. Acesso em: 24 fev. 2025.

Preciso falar de coisas que nunca falei³

Comunico o exercício contínuo em fazer ressoar uma experiência, um território, um tempo-espaco que continua a ser atravessado enquanto o texto é lido: cartografia e escrita. Frases que ressoam para mais ou para menos em performances no palco dos encontros.

A plateia que escuta atravessa com seu corpo enquanto comunico. Não é passiva. Na escuta ativa, no olhar atento e hiperativo somos performers e plateia de nós mesmos continuamente. Atravessamos e somos atravessados. Nesse sentido, procuro expressar aquilo que ressoa a partir das experiências escolares, das leituras de autores como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Suely Rolnick, Virgínia Kastrup Luana de Barros, Michel Foucault e Walter Kohan e de literaturas cantadas para colocar a dançar essas linhas e cosmos e educação...

Uma sala de aula. Carteiras enfileiradas, cadeiras apartadas, pezinhos que não alcançam o chão e balançam. Suspensos pela distância entre a infância e aquilo que não se sabe bem o que é. Infância? Outra invenção da humanidade. Palavras e coisas. Parece tudo sempre o mesmo. E, não é? Uma reunião de pais após a outra e seguem comentários reincidentes.

“Olha, não mudou nada. Estudei aqui há 20 anos atrás e as coisas continuam iguais”.

Continuam? Descontinuam?

“Aquele professora brava ainda dá aula aqui? Não lembro o nome dela, mas lembro que era muito brava”.

Aqui, o que pode uma cartografia? Mergulhar na imensidão do mar de afetos, das composições de linguagens que favorecem a passagem de intensidades que percorrem esses corpos escolares que narram memórias de um espaço ainda tão latente.

Continuamos caminhando por essas carteiras, as professorinhas errantes, encontrando esses corpos que pretendemos entender e aqui está: uma intenção, um princípio que carregamos no bolso por esse caminho de errância. Procuramos por pontes de linguagem, linguagem essa que procura por novas formas de contar histórias, histórias outras (Rolnik, 2014). Participamos, embarcamos, engajamos na constituição de territórios existenciais. Corremos afoitas para a constituição de realidades que possibilitem a abertura de territórios em mapas milimetricamente coloridos.

Buscamos por linhas, não pontos. Movimentos de velocidade e lentitudes, mas movimentos em *continuum* (Deleuze, 2019).

3 TITÁS. Preciso falar. São Paulo: Midas Music: 2022. Youtube (2:10).

O que falar, então, em defesa da escola? Talvez não exista defesa nem linguagem que dê conta de empreender as competências de um decalque tão batido quanto o escolar. O que pode uma cartografia? Cartografia não é decalque, é mapa. Não representa um mundo preexistente, mas produz um novo tipo de realidade. Não somos sujeitos da história, nem a superamos, fazemos a história desorganizando as realidades e as significações anteriores, formando um número equivalente de pontos de emergência ou criatividade, de conjunções inesperadas. Podemos, pelo mapa, alcançar o inesperado. Passar por entre as carteiras e escutar, manter abertas janelas de atenção para topografar o quanto possível esse tempo-espaço. Um manifesto infante atravessa a sala de aula:

- As escolas eram como prisões!!!

- Como assim?

- É, as escolas eram como prisões! Elas eram assim: tinham grades, os alunos ficavam presos e de castigo atrás da porta!!!

- As escolas eram assim?

- Eram! Eram prisões!!!

- Hoje não é mais assim?

- Não... UFA! Agora tem parque, tem abraço.

O que foi feito da sala de aula? O que pode a *professorinha*? Trinta carteiras organizadas em seis fileiras. Mas o homem não é uma ilha. Juntem seus trapos, juntem-se. As duplas intensificam as movimentações, mas são ímpares: singularidades comuns.

Linhas duplas que se movimentam e caem, ora para o que segmenta, ora para caminhos errantes de fuga. Tijolo por tijolo edificam o monumento sequestrador dos pequenos bandos prostrados. Frustrados. A prescrição classificatória daquele que fala e aquele que escuta. Mais um dia, mais uma aula e a escola permanece em seu lugar de

Les yeux sans visage⁴, como diz a canção.

A rotina na lousa como de costume, as atividades realizadas em duplas como de costume, a *professorinha* sentada no entre, como de costume. Entre as crianças, aqueles pequenos bandidos.

Seria ela parte da matilha?

4 Do francês: “Olhos sem uma face”. Billy Idol e Steve Stevens. Eyes without a face. Studio A, Electric Lady Studios: Nova York: 1983. (4:55 min).

Alguém bate à porta e abre. Olhos por toda sala: exame dos corpos. Olhos por toda sala: exame dos postos. A *professorinha* espera, no entre e com todos os outros. Os olhos passam por seus olhos e por todos os outros. Passam, mas não olham.

- Onde está a professora de vocês?

Feições exitosas nos pormenores paradoxais da rostidade. Está feita nas crianças e em seu lugar sequestra a *professorinha*, ou é desfeita na *professorinha* que atravessa a segmentação geográfica da sala de aula? Parece possível ouvir os pensamentos infantis:

“Ela não viu que a professora está aqui?”

A *professorinha*, no entre, sente a voz se esvaír.

“Daqui eu consigo falar? Daqui alguém pode me ouvir?”

Tomada pela vulnerabilidade generalizada de seu atravessamento posicional, a *professorinha* lentamente levanta sua mão e fala baixinho... As palavras saem escapulidas:

- Estou aqui...

- Nossa! Eu olhei, olhei, olhei e não te vi. Acredita?!

Em espaços-tempos avessos a bricolagem de cores, texturas, cheiros, sabores: é tudo edificado.

All in all, you're just another brick in the wall⁵

O que pode, então, uma cartografia? Desmontamos, rasgamos, viramos do avesso. Tal como as crianças, desenhamos na parede com giz de cera colorido, meditamos, assumimos a ação política, filosófica, fazemos arte: artistas e arteiros, da história à geografia (Deleuze; Guattari, 2011). A performance expressa em jogos de palavras denuncia processos, intensidades. E aqui está o “barato” da errância: envolvemo-nos e atravessamos a espessura processual que impede a pura e simples representação de formas e informes do meio, desbravamos territórios. Encontramos na memória um passado em movimento, cortante e transformador do futuro. Não há ponto de partida, começamos sempre pelo meio (Barros; Kastrup, 2020).

O objetivo de *transcriar* essas memórias escolares, esses pequenos diálogos atravessados, se dá pela participação observante da *professorinha* e se abre a encontros que deem conta de transpassar os enunciados informacionais para torcê-los em processos inventivos e de produção de subjetividades. Aqui a escrita foge das prescrições e assume coordenadas na transformação de frases e observações cativadas pela experiência que se transfigura em

5 Rogers Waters. Another Brick in the Wall. Haverst Records: Califórnia: 1979. (6 min).

conhecimento, e conhecimento em experiência. Um processo aparentemente individual ganha dimensão coletiva com falas e diálogos que emergem no campo. Encontramo-nos nesse processo de construção coletiva de conhecimento. Polifonia textual (Barros; Kastrup, 2020).

Deixamos aqui incluídas as contradições, conflitos, enigmas e problemas que restam em aberto: o espaço que não muda, prisões, parque, abraços, invisibilidade. O campo problemático se expande em conclusões e inconclusões.

Esses relatos são escritos não exclusivamente para expressar um ou mais pensamentos, mas também para performar o plano intensivo das forças e dos afetos. Encontramos nas palavras de Michel Foucault (2010, p. 289-290) a dança circundante entre cartografia e escrita, manifestamos processos:

Eu não penso jamais, completamente a mesma coisa pela razão de que meus livros são para mim experiências, em um sentido que gostaria fosse o mais pleno possível. Uma experiência é alguma coisa daquela o si mesmo sai transformado. Se eu devesse escrever um livro para comunicar o que já penso, antes de ter começado a escrever, jamais teria a coragem de empreendê-lo. Eu só escrevo porque não sei ainda o que pensar desta coisa que quero tanto pensar. De forma tal que o livro me transforma e transforma o que eu penso. Cada livro transforma o que eu pensava quando terminava o livro precedente.

Pelos movimentos da cartografia não estamos à procura de instituir uma história linear e universal, mas sim interromper esse fluxo naturalizado e provocar possíveis deslocamentos nela. Compartilhamos a condução da dança dos dias e tensionamos essas linhas no movimento da história. Dramatizamos a escrita e desestabilizamos as normalidades sobre as quais pousamos sem nem sempre notarmos. Concebemos a escrita enquanto experiência coletiva do pensamento pela escuta participante. Escrita também como acontecimento (Kohan, 2015). Tratamos dos objetivos dessa dança cartográfica com a escrita já em curso e deixamos a epígrafe para o final. Inspiradas em Calcanhotto (1992), afrontamos a ordem:

Eu ando pelo mundo prestando atenção
Em cores que eu não sei o nome
Cores de Almodóvar
Cores de Frida Kahlo, cores
Passeio pelo escuro
Eu presto muita atenção no que meu irmão ouve
Como uma segunda pele, um calo, uma casca
Uma cápsula protetora
Eu quero chegar antes
Pra sinalizar o estar de cada coisa
Filtrar seus graus

Referências

- BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2020, p 52-75.
- CALCANHOTTO, Adriana. **Esquadros**. Nova Iorque: Columbia Records: 1992. Vinil. (3:10)
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. Trad. A. L. Oliveira, A. Guerra Neto e C. P. Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles. Trad. C. Santa'Anna Martins. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2019.
- FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. *In*: FOUCAULT, M. **Ditos & escritos VI**: repensar a política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 289-347.
- KOHAN, Walter Omar. Vigiar e punir: 40 anos de uma experiência de filosofia. *In*: CARVALHO, A. F.; GALLO, S. (orgs). **Repensar a educação**: 40 anos após vigiar e punir. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015, p 17-38.
- ROLNICK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina. Editora da UFRGS, 2014.

Sobre as autoras

Tamires da Silva Oliveira: Professora da Rede Municipal de Campinas; Doutoranda FE/Unicamp.
E-mail: tams.oliveira94@gmail.com

Recebido em: 24 de fevereiro de 2025

Aprovado em: 21 de abril de 2025